

A RELAÇÃO ENTRE A RELIGIÃO E O TRABALHO NA SOCIEDADE INCA

Adriano Vieira Rolim

Larissa Lima Malafaia Carvalho

RESUMO

Percebemos, através de leituras referentes à sociedade inca, que a organização social desse povo era legitimada através da religião. Este artigo tem por objetivo analisar, partindo dessa afirmação, se a religião atuava como uma forma ideológica a fim de justificar a exploração da camada social dirigente sobre a produtora ou se esta mentalidade religiosa era essencial para manter o equilíbrio da sociedade, onde havia uma complementaridade de funções entre os líderes e o povo.

Palavras-chave: Sociedade inca; Ideologia; Religião.

INTRODUÇÃO

A ação para a realização de um trabalho físico ou mental com fins de produção é o que se entende, atualmente, pela definição de trabalho, descrito sobre valores capitalistas. Sabemos que o trabalho é necessário para a produção da vida material desde as primeiras hordas – primeiras formas de agrupamento humano, embora desprovido de organização - até as chamadas sociedades capitalistas modernas.

A produção desse artigo está voltada para a análise do trabalho realizado dentro da civilização inca, associando-o ao aspecto religioso que está diretamente ligado a sua organização social que é compatível com o conjunto de valores sociais étnicos e religiosos que modelaram o pensar e o agir dessa sociedade. Este conjunto de valores é a forma com que os indivíduos tomam consciência da vida real. Ou melhor, a sociedade toma consciência da vida real.

No decorrer do artigo abordaremos as formas da organização utilizadas na sociedade inca bem como a função que cada camada social exercia dentro da complexa estrutura hierárquica adotada por esse povo, com o intuito de responder a questão

central: a organização social inca era uma forma de exploração ou era uma necessidade, para a manutenção do equilíbrio?

O LABOR DO CAMPONÊS: A ORGANIZAÇÃO SOCIAL NO AYLLU

Com o aparecimento das camadas sociais na civilização inca, diferenciando-a das comunidades primitivas, as duas categorias surgidas – os camponeses produtores e a comunidade superior - passaram a ter tarefas diferentes, porém complementares dentro do funcionamento organizacional do universo sócio-cultural dessa civilização.

A camada produtora (camponeses e artesãos) colaborava com essa organização, disponibilizando à comunidade superior sua força de trabalho para que houvesse a produção dos meios que permitissem a satisfação dessa necessidade que é o pressuposto da existência humana - “os homens devem estar em condições de viver para poder fazer história, mas, para viver é preciso antes de tudo satisfazer essas condições”¹(comer, ter moradia, vestir-se).

Era esse grupo responsável pela produção que realizava a satisfação dessas condições materiais essenciais para a existência e sobrevivência dessa civilização. Essa produção dava-se em um núcleo social básico espalhado em todo o território inca – o ayllu.

O ayllu era formado por famílias ligadas por laços de parentesco. A posse da terra no ayllu era comunal e era composta de terras e pastos de uso coletivo onde cada família recebia lotes de acordo com o número de seus membros a fim de garantir a sua subsistência. A chefia dessa organização era exercida pelo *kuraka*, que assumia esta função por ser, a nível ideológico o descendente direto dos fundadores do ayllu e do *Huaca*, entidade divina local, protetora e tutelar do ayllu. Esta descendência legitimava a posição de chefia do *kuraka*.² O trabalho no ayllu baseava-se na ajuda mútua entre as famílias e estas, somente após preparar e semear as terras do *kuraka*, passavam a cuidar de seus próprios lotes.

Evidentemente a transformação das aldeias agropastoris (comunidade desprovida de distinção social e de propriedade privada) na complexa economia de um

império hierarquizado, acarretou transformações na antiga estrutura da sociedade, a começar pela estrutura familiar. A comunidade de residência sobrepujou a de parentesco. Os ayllus conquistados, anexados voluntariamente ao império, tornaram-se elementos relativamente sem importância em uma grande organização, em vez de entidades proeminentes na sua esfera provincial.

Godelier expõe essas transformações que compreendem, entre outros, os seguintes aspectos: com a conquista militar, o Estado se apropria das terras e dos recursos naturais do ayllu. O inca se proclama soberano da comunidade e divide as terras do ayllu. A primeira parte são as terras do estado ou do inca. A segunda parte são as terras do culto ou do sol e a terceira parte, a maior, é de toda a comunidade conquistada, que é cedida à população local³ numa tentativa de demonstrar a generosidade e benevolência do inca, que proporciona a subsistência da comunidade.

É importante perceber que com a conquista inca, a propriedade da terra deixa de ser comunal e passa a adquirir um caráter de simples posse e uso da população local. Neste contexto, novas formas de apropriação do excedente agrícola são instituídas fundamentando a exploração e subordinação estatal. A mita, que antes era própria da comunidade passa a ser desviada para as terras apropriadas pelo Estado. Com a conquista, a mita não é mais exercida somente nas terras do *kuraka*⁴ e do *Huaca* e passa a ser também realizadas nas terras do Inca e do Sol. Com isso, o camponês passava não só a ter obrigações com o líder local, mas também a manter toda a burocracia do Estado.

Embora mantendo o culto aos deuses locais, o Estado incorpora o culto ao sol e seu filho o Inca, o qual os aldeãos devem oferecer trabalho. Essa imposição ao culto ao deus sol pelos incas aos diferentes ayllus representava a formação de práticas religiosas e culturais comuns nas diferentes partes do império e também a aceitação e imposição de um deus supremo sobre os demais deuses locais, organizados hierarquicamente abaixo do deus Sol.

Com relação aos tributos pagos pelos camponeses, observa-se que estes têm um caráter duplo: Podem ser, ao mesmo tempo, a expressão de uma coação - exigida pela força; e de uma disponibilidade - na medida em que as forças produtivas da comunidade aldeã permitam, conforme as possibilidades, transferir para o exterior o excedente da

sua própria produção⁵ quando estes entendem por esse tributo algo necessário para o bom funcionamento da sociedade e para a satisfação dos seus deuses.

O TRABALHO DE UMA CLASSE PRIVILEGIADA: A BUROCRACIA DA CLASSE SUPERIOR

A forte centralização político-administrativa de todo o império em Cuzco tornou necessária a constituição de uma vasta burocracia fortemente hierarquizada.⁶ Esta hierarquia, com o Sapa Inca firmemente instalado em seu ápice como o filho do sol e soberano por direito divino, era o princípio fundamental da organização do governo inca.

O governo inca era auxiliado por quatro *Apos*.⁷ Estes eram conselheiros e ao mesmo tempo responsáveis pelas quatro divisões do império – norte, sul, leste e oeste. Para cada uma dessas divisões – sob a chefia de um Apo – um grupo de 40.000 pessoas correspondia a uma “província” governada por um *tukrikuk*.⁸ Dessa forma, um apo tinha sob sua responsabilidade uma série de províncias, chefiando igual número de *tukrikuks*. Cada província, por sua vez, dividia-se em quatro grupos de 10.000 pessoas, cada um chefiado por um *kuraka*⁹ que estava subordinado a um *tukrikuk*. Este grupo novamente se subdividia em grupos de 1.000 indivíduos sob o comando de tantos outros *kurakas* e assim por diante, até um grupo de 50 pessoas.¹⁰

Através desse esquema, cada *kuraka* subordinava-se a outro, passando pelo *tukrikuk*, pelo Apo, até o chefe supremo – o Sapa Inca, a quem cabia a palavra final. Graças a essa hierarquia decimal, que repassava o poder até o último escalão, o Sapa Inca podia controlar todas as comunidades de seu império, transformando assim, a grande mistura de povos conquistados em unidades econômicas relativamente homogêneas, controlados por um comando em cadeia que chegava ao Sapa Inca, facilitando assim não só o controle econômico mas também a distribuição de tributos e de recursos. Devido ao sucesso dessa organização, as culturas se mesclaram, o saber e os recursos foram partilhados e emergiu uma sociedade próspera como jamais houve antes.

O Inca Garcilaso de La Vega, um importante cronista que nos fornece valiosas informações sobre o povo inca, expõe o sucesso dessa organização para o funcionamento do império:

Sabia o Inca e seus vice-reis e governadores de cada província e reino quantos vassallos havia em cada cidade para repartir sem dano as contribuições das obras públicas, que em comum estavam obrigados a fazer em suas províncias, como pontes, estradas, calçadas, os edifícios reais e outros serviços semelhantes.¹¹

Entendemos que a religiosidade dentro da organização inca é desenvolvida segundo um imaginário¹² ligado às experiências vividas e adquiridas de geração em geração, estando intrinsecamente associada com o modo de ver e perceber o funcionamento do mundo (cosmologia).

Por terem construído uma sociedade agrária, dependente dos favores do clima, assentaram sua crença religiosa sobre as forças da natureza – o sol, a lua, as estrelas, os rios, o mar, os raios, as montanhas, todos eram deuses. Porém, o sol (*Inti*) se destacava sobre os demais, a ponto dos incas ficarem conhecidos como filhos do Sol.¹³ O generoso *Inti* era considerado como o progenitor da raça inca, a qual teria enviado à terra para a melhoria da civilização e da humanidade. Já a esposa de *Inti* era *killá*, a lua, vinculada principalmente às mulheres.

Também muito respeitado na sociedade era *Viracocha*, que era o deus criador, o deus civilizador. Destacada também no panteão dos deuses incas era *Pachamama*, a mãe terra ou a deusa da terra relacionada com a idéia de fertilidade, era celebrada notadamente em zonas agrícolas. Ainda era adorados *Llapa* (deus dos relâmpagos, raios e trovões), o planeta Vênus (*Chaska*), a constelação das Plêiades (*Qollqa*) e o arco-íris (*Kuychi* ou *Wayakauri*). Além desses deuses os incas veneravam também as *Huacas* (entes sagrados), uma extensa gama de divindades secundárias como as montanhas, os rios e os antepassados dos habitantes dos *ayllus*.

Percebe-se deste modo, que as divindades incas estavam hierarquicamente postas no panteão dos deuses, como também cada divindade possuía uma especialização ou função na constante tentativa de manter o equilíbrio do universo inca. Um dos segmentos onde os deuses da natureza eram mais importantes era a agricultura, pois

havia rituais no período de cultivo da terra para que essas entidades divinas, especialmente *Pachamama*, abençoassem esse período de cultivo e de colheita fundamental para a produção de alimentos que proporcionavam a subsistência do império, e também, serviam de oferendas nas festividades. Estas festividades eram, segundo o texto *Vidas de Duro Labor e Alegre Diversão*:

Indispensáveis, pois, constituíam a principal fonte de força política dos soberanos incas. Os laços entre império e seus súditos eram fortalecidos, enquanto as classes trabalhadoras tinham uma válvula de escape e uma recompensa por sua lealdade e seu empenho no trabalho. Além de tudo isso, tais festas demonstravam o poder dos deuses incas e reforçavam a autoridade do benevolente Sapa Inca.¹⁴

Entendendo que o modo organizacional existente na sociedade inca era um reflexo da própria disposição hierárquica e funcional dos seus deuses, eles praticavam um modo de governar onde cada grupo social estava submetido a uma hierarquia cumprida pela burocracia do governo e a realizar a sua determinada função no trabalho para que o equilíbrio entre o sobrenatural e a produção material fosse mantido.

Desse modo, como a função dos camponeses nos ayllus seria produzir os alimentos e as obras necessárias para a subsistência da civilização inca, do mesmo modo, a função dos sacerdotes seria presidir os cultos aos deuses e intermediar a relação entre devotos e deuses, já o Sapa Inca era o mediador privilegiado entre esse mundo e o além. Dessa forma o equilíbrio na sociedade era atingido com cada grupo social realizando sua respectiva função que possuía a característica de complementaridade na formação de um todo orgânico.

Percebemos através dessas observações que as atribuições burocráticas dos dirigentes responsáveis pela economia do império, e também as funções dos líderes responsáveis pela religiosidade eram indispensáveis para a manutenção dessa complexa estrutura que mantinha o equilíbrio na sociedade inca, sendo, portanto, considerada por nós errônea a idéia de uma classe dirigente ociosa, não trabalhadora e que vive parasitariamente das rendas do estado se considerarmos suas inúmeras atividades e funções que eram indispensáveis para a ordem do império.

A FUNÇÃO DO SAPA INCA: ORGANIZADOR E PROTETOR DA VIDA SOCIAL E ESPIRITUAL NOS ANDES CENTRAIS

O aparato religioso era utilizado para dar explicações da origem e legitimação do poder do Inca, tornando sua figura inigualável no imaginário e na mentalidade do período. O líder inca não possuía antecessor nem sucessor. A sucessão legitimava-se a partir da força, ou seja, os irmãos herdeiros pertencentes ao trono, representantes das diversas facções políticas, lutavam até um único vencedor. O período da sucessão era marcado pela violência e, com o exército dividido o império mergulhava em um caos político com o centro do poder acéfalo, sem a figura do Inca centralizador e unificador.

Com a vitória de um dos pretendentes, o equilíbrio voltava a ser instaurado, como se o império renascesse a cada Inca. Com essa vitória sua legitimação circulava na esfera do sobrenatural, com a investidura pelo grande sacerdote que o fazia “filho do sol”, mediador privilegiado entre este mundo e o além o inca era o vínculo entre o mundo dos homens e do divino e, após a investidura, sua figura ficava acima do próprio grande sacerdote. O penúltimo Inca, Huyana Cápac – adorado como um deus - levou 4.000 seguidores, que se imolaram voluntariamente, para o acompanharem ao túmulo.¹⁵

Não existia separação entre a divindade e o líder político. O Sapa Inca, filho do Sol era mais que um líder político e religioso, pois ele era aquele que assegurava a mediação entre homens e deuses, a garantia de harmonia e o ponto carnal do universo. Sem ele desaparece a referência de mundo para o seu povo. Para as populações dos Andes centrais, a morte de seu líder e a dominação espanhola são processos indissociáveis, pois na ausência de seu grande líder, desaparece a proteção social e divina. Privados de seu guia, os incas são condenados a serem pisoteados e oprimidos por estrangeiros.

A importância do Inca como o mantedor da unidade do império dos Andes centrais pode ser percebida através dos seguintes trechos retirados de um cântico Quíchua, no qual um inca lamenta o assassinato de seu último líder: Atahualpa:

O sol torna-se amarelo, anoitece, misteriosamente.

Amortalha Atahualpa, seu cadáver e seu nome;

A morte do Inca reduz o tempo que dura uma piscada.

Sua amada cabeça já a envolve o horrendo inimigo;
E um rio de sangue caminha, se estende, em duas correntes.
Já ficou gelado o grande coração de Atahualpa,
O pranto dos homens das quatro regiões afogando-o
As nuvens do céu já estão ficando negras;
A mãe lua angustiada com o rosto enfermo torna-se pequena
E tudo e todos se escondem, desaparecem, padecendo.
Acabou-se já em tuas veias o sangue:
Apagou-se em teus olhos a luz;
No fundo da mais brilhante estrela caiu o teu olhar.
Morta à sombra que protege, choramos.
Sem ter a quem ou aonde nos voltar, estamos delirando.

CONCLUSÃO

Concluimos que existia, sim, na sociedade inca, uma exploração das forças produtivas nas comunidades aldeãs, por parte de uma comunidade superior. Porém, essa exploração não pode ser sintetizada, somente, a partir de uma construção ideológica que se apropria da religião para manter uma camada de alienados, justificando e legitimando a existência de diferenças de camadas sociais, como também, a exploração de um grupo privilegiado sobre outro.

Ao pensar desta maneira, estaríamos reduzindo a religião inca e a sua organização social a um plano proposital de dominação, desconsiderando que a crença em seus deuses e as práticas religiosas que exerciam eram indispensáveis para manter um equilíbrio entre os deuses da natureza e os homens, mentalidade esta, perfeitamente lógica para aquela civilização pré-colombiana que assim como outras deve ser compreendida dentro da sua realidade historicamente situada.

Mais do que diferenças de grupos sociais, existia uma diferença de funções nessa sociedade, influenciada pela forma de ver e perceber a organização de seu mundo tal qual se organizava o seu complexo sistema religioso. E essa especialização de funções

pode ser entendida como um reflexo do imaginário religioso dos incas – que compunha a ordem hierárquica e de atribuições de funções realizadas para conseguir manter o bom funcionamento do equilíbrio divino.

NOTAS

- ¹ MARX, K., ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1974. p. 53
- ² FERREIRA, Jorge Luiz. *Incas e Astecas: Culturas pré-colombianas*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995. p 41
- ³ Idem. p. 42.
- ⁴ Ibidem p. 43.
- ⁵ CHESNEAUX, J. e outros: *O modo de produção asiático*. Lisboa: Seara Nova. P 33
- ⁶ FERREIRA, Jorge Luiz. *Incas e Astecas: Culturas pré-colombianas*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.p. 48
- ⁷ Pertencentes a um grupo considerado descendente direto de Manco Cápac , estes controlavam todos os recursos do país , vestiam roupas especiais proibidas aos camponeses e recebiam partes dos recursos do império, inclusive participação nos tributos do povo.
- ⁸ Eram os representantes diretos do Inca na sociedade, precisavam pertencer a sua linhagem e eram nomeados diretamente por ele.Tinham a responsabilidade pela construção e conservação das obras públicas e a coleta do excedente agrícola provenientes do tributo pago pelas comunidades.
- ⁹ Estes, tendo o poder legitimado pela descendência dos fundadores do ayllu, e por serem considerados descendentes diretos das divindades locais: o Huaca,cabia-lhes a função primordial de cobrar o pagamento de tributos e chefiar as unidades administrativas formadas por famílias. Possuíam uma importância vital, já que eram o elo do poder central com a população local.
- ¹⁰ FERREIRA, Jorge Luiz. *Incas e Astecas: Culturas pré-colombianas*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.p. 48,49.
- ¹¹ Vega, Garcilaso de La. *O universo incaico*. São Paulo: EDUC, 1992. P. 47.
- ¹² Modo inteligível de se buscar explicações para os fenômenos que acontecem nessa sociedade, seja eles, naturais, sobrenaturais ou sociais.
- ¹³ BOND,Rosana. *Peru: do império dos incas ao império da cocaína*. Rio de Janeiro: editora Coedita/Aimberê. p 91
- ¹⁴ Vidas de Duro Labor e Alegre Diversão. In: *Civilizações Perdidas*. Rio de Janeiro: Abril, 1998, p.142.
- ¹⁵ FERREIRA, Jorge Luiz. *Incas e Astecas: Culturas pré-colombianas*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.p. 56,57.